

## “O MOMENTO DA VERDADE”: TECNOLOGIA E POLÍTICA NO MUNDO MODERNO EM CRISE A PARTIR DE HANNAH ARENDT

"THE MOMENT OF THE TRUTH": TECHNOLOGY AND POLITICS IN THE MODERN WORLD IN CRISIS FROM HANNAH ARENDT

Danilo Arnaldo Briskievicz<sup>1</sup>

<sup>1</sup>IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais, campus Santa Luzia, Brasil, [doserro@hotmail.com](mailto:doserro@hotmail.com)

---

### ARTICLE INFO

Article history:

Received 2018-07-03

Accepted 2019-02-02

Available online 2019-02-07

**Palavras-chave:** Ciência. Totalitarismo. Campos de concentração. Ideologia. Terror.

**Keywords:** Science. Totalitarianism. Concentration Camps. Ideology. Terror.

---

**RESUMO.** *Investigamos no pensamento político de Hannah Arendt (1906-1985) as relações entre o progresso científico e tecnológico com a violência. A partir da análise da crise do mundo moderno trazida pela ascensão do totalitarismo alemão, esclarecemos o papel dos campos de concentração como tecnologia para a mudança da natureza humana tendo como premissas a ideologia e o terror. Por causa dos ataques com bombas atômicas a Hiroshima e Nagasaki, no Japão, dando fim à Segunda Guerra Mundial, avaliamos o receio de que uso constante dessa tecnologia levasse a espécie humana ao seu termo com a temida guerra nuclear. Distinguimos os conceitos de poder e violência a fim de demonstrar que a confusão está fundamentada na banalização do uso da violência e das tecnologias de guerra no mundo moderno e de sua confusão com o fenômeno do poder: a violência não amplia o poder, antes é sinal de sua decadência. Por fim, criticamos o mito do progresso ilimitado da ciência e da tecnologia e sua pretensa melhoria do mundo comum com a dissensão em relação ao sensus communis. Em nosso estudo aproximamos a discussão sobre o uso da tecnologia da política a partir dos conceitos arendtianos.*

**ABSTRACT.** *We investigate in the political thought of Hannah Arendt (1906-1985) the relations between scientific and technological progress with violence. From the analysis of the crisis of the modern world brought about by the rise of German totalitarianism, we clarified the role of the concentration camps as technology for the change of human nature based on ideology and terror. Because of the atomic bomb attacks on Hiroshima and Nagasaki in Japan, ending the Second World War, we evaluated the fear that constant use of this technology would bring the human species to a close with the feared nuclear war. We distinguish the concepts of power and violence in order to demonstrate that the confusion is based on the banalization of the use of violence and the technologies of war in the modern world and its confusion with the phenomenon of power: violence does not extend power, Of its decay. Finally, we criticize the myth of the unlimited progress of science and technology and its pressing improvement of the common world with the dissension in relation to the sensus communis. In our study, we approached the discussion about the use of the technology of politics from the Arendtian concepts.*

---

## 1. Origem do problema: a crise do mundo moderno

O mundo moderno em crise é o tema central do pensamento político de Hannah Arendt. Para ela, as bombas atômicas lançadas sobre o Japão, em agosto de 1945, não apenas encerraram a Segunda Guerra Mundial, mas criaram uma crise profunda na tradição do pensamento político ocidental. Às perdas materiais com a guerra – cidades destruídas, milhões de mortos –, seguiu-se a perda da tradição política ocidental cristalizada no surgimento do totalitarismo nazista na Alemanha e a invenção dos campos de concentração (ARENDR, 2005, p. 14; 2008a, p. 9). O mundo moderno recebeu como legado números e fatos trágicos, relacionados às novas tecnologias de guerra:

Seis milhões de judeus, seis milhões de seres humanos foram arrastados para a morte sem terem a possibilidade de se defender e, mais ainda, na maior parte dos casos, sem suspeitarem do que lhes estava a acontecer. O método utilizado foi a intensificação do terror. Houve, de começo, a negligência calculada, as privações e a humilhação, na altura em que os de constituição mais fraca morriam ao mesmo tempo em que aqueles que eram suficientemente fortes e rebeldes para se darem a si próprios a morte. Veio a seguir a fome, à qual se acrescentava o trabalho forçado: as pessoas morriam aos milhares, mas a um ritmo diferente, segundo a resistência de cada um. Depois, foi a vez das fábricas da morte e todos passaram a morrer juntos: jovens e velhos, fracos e fortes, doentes ou saudáveis; morriam não na qualidade de indivíduos, quer dizer, de homens e mulheres, de crianças ou de adultos, de rapazes ou de raparigas, bons ou maus, bonitos ou feios, mas reduzidos no menor denominador comum da vida orgânica, mergulhados no abismo mais sombrio e mais profundo da igualdade primeira; morriam como gado, como coisas que não tivessem corpo nem alma, ou sequer um rosto que a morte marcasse com o seu selo. É nesta igualdade monstruosa, sem fraternidade nem humanidade – uma igualdade que poderia ter sido compartilhada pelos cães e gatos – que se vê, como se nela se refletisse, a imagem do inferno (ARENDR, 2001, p. 117).

Aos sobreviventes coube o fardo improrrogável de tentar explicar o que a humanidade vivenciou. Restou o exercício fundamental da compreensão. Por causa disso, Arendt pensa o mundo em crise a partir da lacuna entre o passado e o futuro, entre o “intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda”, uma vez que “na História esses intervalos mais de uma vez mostraram poder conter o momento da verdade” (ARENDR, 2005, 35-36). A compreensão do que aconteceu é uma forma de reconciliação com mundo que ainda permanece existindo e que exige que continuemos vivendo e agindo. Assim, para Arendt, as “guerras e revoluções, não o funcionar de governos parlamentares e sistemas democráticos fundamentados em partidos políticos, foram as experiências políticas básicas de nosso século.” Por isso, “se se passa por elas sem parar para reflexão, é como se não se tivesse vivido neste mundo, que é

---

o nosso” (ARENDT, 2004c, p. 125). A compreensão é o acabamento para continuar agindo no mundo. É uma tarefa complexa em que “aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo. A compreensão é interminável e, portanto, não pode produzir resultados finais; é a maneira especificamente humana de estar vivo” (ARENDT, 1993, p. 39).

A compreensão da crise do mundo atual coloca em tela duas questões: a primeira relaciona-se ao uso indiscriminado e massivo da violência que coincide com um descrédito na capacidade de agir em conjunto, ou seja, a violência predomina em relação ao poder. A segunda diz respeito ao uso cada vez maior da tecnologia em nosso cotidiano desde a modernidade – o que tem alterado nossa forma de viver num mundo comum –, devido ao otimismo no progresso ilimitado da ciência que, por parecer neutra, “está em muitos casos levando diretamente ao desastre” (ARENDT, 1994, p. 21).

Portanto, nossa proposta é discutir a partir da crise do mundo moderno os conceitos de violência e tecnologia, tendo como pano de fundo a crítica arendtiana ao mito do progresso ilimitado da ciência.

## **2. Tecnologia: etimologia e breve histórico**

Etimologicamente, tecnologia é um substantivo feminino formado a partir do radical grego *tekhnō*, *tékhnē*, o mesmo que arte, artesanato, indústria, ciência, ofício e do radical grego – *logía* – de *lógos*, o mesmo que linguagem, proposição, conjunto de saberes (CUNHA, 1986).

Em sentido amplo, tecnologia designa um estudo sistemático de técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana. Diz respeito aos conhecimentos que permitem fabricar objetos e modificar o mundo em que vivemos, com vistas a satisfazer as necessidades dos seres humanos (HOUAISS; VILLAR, 2001; FERREIRA, 1976).

Em termos históricos, a tecnologia sempre acompanhou os seres humanos desde suas primeiras atividades como a caça, a pesca e a proteção, utilizando-se dos recursos naturais ou fontes de energia vinculadas a elas. Com o passar do tempo, a tecnologia passou a ser fundamental para as sociedades mais complexas.

No século XVIII, com o advento da revolução industrial na Inglaterra a tecnologia ligada à produção nas fábricas e toda a sua logística (extração da matéria-prima, divisão social do trabalho, mercado consumidor) criou uma situação nova no mundo ocidental. Trata-se da centralidade da tecnologia e de suas técnicas na fabricação dos artefatos necessários à vida e o uso ampliado na política, através das guerras. Nesse período, o otimismo em relação ao progresso científico ilimitado para resolver as mazelas humanas foi se tornando um senso comum.

---

No século XX, a Grande Guerra (1914-1918) “a primeira guerra tecnológica” produziu um massacre de grandes proporções, colocando “em causa o otimismo do progresso científico”. A Segunda Guerra Mundial (1938-1945) foi ainda mais inquietante pois colocou “em xeque a responsabilidade dos cientistas nessas obras de destruição e, sobretudo,” e reforçou “a inquietação dos filósofos quanto ao futuro do mundo” (COURTINE-DÉNAMY, 2004, p. 84)

A tecnologia e o seu uso progressivo e intenso na política produziram as experiências mais assombrosas da humanidade na modernidade. O mundo comum foi colocado em questão: uma guerra nuclear cogitada na guerra fria poderia ser o fim da espécie humana. Para pensar esta relação vamos aprofundar a análise arendtiana sobre da tecnologia e suas relações com a política.

### 3. A tecnologia e a política

A tecnologia pode ser pensada pela política. Arendt é uma autora que não centraliza a discussão do uso da tecnologia apenas nas técnicas, mas fundamentalmente nos seus aspectos políticos. Ela se questiona sobre os conceitos políticos que estão por trás da instrumentalização da tecnologia. Para apresentar a relação entre tecnologia e política, vamos analisar alguns aspectos da teoria política arendtiana, primeiramente, no livro *Origens do totalitarismo* e, posteriormente, no ensaio *A Europa e a bomba atômica*.

No seu livro *Origens do totalitarismo*, publicado em 1951, Arendt apresenta a compreensão da política totalitária e nos dá pistas de sua compreensão da tecnologia apropriada pelo movimento nazista na Alemanha.

De *forma geral*, o totalitarismo se especializou no uso da violência na política, para a qual os campos de concentração converteram-se no seu instrumento mais poderoso: é uma tecnologia de guerra. Por conta dos campos de concentração,

O totalitarismo desafiava e violentava a razão humana e, ao explodir as categorias tradicionais para a compreensão da política, da lei e da moralidade, rasgava o tecido inteligível da experiência humana. A possibilidade de demolir o mundo humano, embora inteiramente sem precedentes, era demonstrada nos ‘experimentos’ realizados nos ‘laboratórios’ dos campos de concentração totalitários. Ali a existência de seres humanos distintos, a substância da ideia de humanidade, era obliterada (ARENDR, 2004c, p. 19).

Para Arendt, o mundo atual cristalizou seus problemas políticos no interior do capitalismo. Em primeiro lugar, no imperialismo – cujo grande símbolo é a unificação da Itália e da Alemanha no final do século XIX –, o Estado-nação acoplou-se aos interesses econômicos, tornando-se expansionista e conquistador, tendo como premissa a violência nas relações internacionais. Ocorreu a transmutação do Estado-nação em Estado-império. A

---

expansão imperialista parte do pressuposto de que é possível criar nações em áreas onde a participação popular e a organização dessa sociedade não só se apresentam atrasadas, como em alguns casos praticamente inexistente. O domínio expansionista do Estado-império – baseado no racismo – demanda um uso cada vez maior de tecnologia.

Em segundo lugar, o imperialismo impulsionou o antissemitismo por colocar em destaque a questão judaica na Europa e, mais especificamente, na Alemanha. O ódio aos judeus desencadeou um tipo extremo de violência, geradora da “derradeira catástrofe cristalizante”, o holocausto. Na reificação desse ódio violento “aparecem elementos que prenunciam a ruptura da tradição, como uma “corrente subterrânea da história europeia” (ARENDR, 2004a, p. 21).

Em terceiro lugar, o expansionismo imperialista produz as condições necessárias para o surgimento do totalitarismo. Este movimento entende a política como um ciclo interminável e não estabilizável, negando as teorias de governo e seus princípios orientadores até então conhecidas no mundo ocidental: na monarquia, a honra; na república, a virtude e na tirania, o medo. Rompendo com a tradição, o totalitarismo estabeleceu o terror como princípio orientador, uma vez que ele “escolhe as suas vítimas independentemente de ações ou pensamento individuais, unicamente segundo a necessidade objetiva do processo natural ou histórico” (ARENDR, 2004a, p. 519-520). O movimento possui uma estrutura organizacional composta por membros fanáticos incapazes de serem destituídos de sua posição seja pela experiência ou pelo argumento. O ódio é remetido contra o mundo em geral e para um inimigo escolhido pelo movimento em particular. Esse inimigo pode mudar a qualquer momento pela vontade e decisão do líder. O ódio é um sentimento de ligação entre a sociedade civil e o movimento por que produz o efeito hipnótico de uma “identificação com o movimento” surgido de um “conformismo total” que anestesia o senso comum, que destrói “a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte” (ARENDR, 2004a, p. 358). O objetivo dos movimentos totalitários era conseguir o apoio das massas para se legitimar e se concentrou na mobilização dos apáticos, dos destituídos de qualquer ligação com os negócios políticos e com a sociedade em geral. As massas, por natureza, são volúveis e efêmeras e representam a força bruta dos até então desinteressados pela política (ARENDR, 2004a, p. 361). Nesse sentido, o movimento totalitário conquistou a confiança das massas com o objetivo de produzir uma mobilização social rápida e sistêmica, baseada na força bruta do maior número possível de adeptos.

De *forma específica*, o movimento totalitário criou a mais sofisticada tecnologia já vista na política: os campos de concentração e/ou de extermínio – Auschwitz-Birkenau, Belzec, Chelmno, Majdanek, Sobibór, Treblinka, Bergen-Belsen, Buchenwald, Dachau, Sachsenhausen, Jasenovac. Nesses campos, a tecnologia foi aplicada à política de maneira radical. Então, qual era o objetivo de usar a tecnologia dos campos de concentração e

---

extermínio na política totalitária? O que os nazistas queriam com os campos? Acelerar a fabricação de uma nova humanidade visando o seu progresso. Vejamos as etapas.

Em primeiro lugar, *o uso do terror e da violência como tecnologia política* difundido na sociedade é reificado nos campos de concentração. O movimento se alicerçou nas leis da Natureza e da História. Através do terror a Natureza e a História progredem. O objetivo do totalitarismo “é tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea”. Investindo na mudança do homem através da violência, através do uso da tecnologia aprimorada nos campos de concentração, “o terror procura ‘estabilizar’ os homens a fim de liberar as forças da Natureza ou da História”. É assim que “esse movimento seleciona os inimigos da humanidade contra os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira com a eliminação do ‘inimigo objetivo’ da História ou da Natureza, da classe ou da raça”. Por isso, “o terror é a legalidade quando a lei é a lei do movimento de alguma força sobre-humana, seja a Natureza ou a História”. É no terror que se percebe com clareza a ruptura que o totalitarismo enseja de todas as categorias políticas ocidentais uma vez que “o terror total, a essência do regime totalitário, não existe a favor nem contra os homens”. As leis da Natureza e da História não necessitam da participação da sociedade civil, dos cidadãos. Necessitam de ser implementadas por alguns poucos indivíduos que são os leitores escolhidos por essas próprias leis para lhes dar cumprimento. O terror incrementa a violência inerente ao movimento da Natureza e da História. Nesse círculo fechado, a pluralidade dos homens é destruída “e faz de todos aqueles um que invariavelmente agirá como se ele próprio fosse parte da corrente da História ou da Natureza” e assim “encontrou um meio não apenas de libertar as forças históricas ou naturais, mas de imprimir-lhes mais velocidade que elas, por si mesmas, jamais atingiriam” (ARENDDT, 2004a, p. 517-519).

Em segundo lugar, *o uso da ideologia como tecnologia política* difundida na sociedade foi reificado nos campos de concentração. Esses instrumentos de guerra demonstram que a distinção entre o humano e o não-humano é política. O homem se torna supérfluo. A negação da dignidade humana advém da “fé na onipotência humana e a convicção de que tudo pode ser feito através da organização leva-os à experiência com que a imaginação humana pode ter sonhado, mas que a atividade humana nunca realizou,” pois, “suas abomináveis descobertas no reino do possível são inspiradas por um cientificismo”. A superfluidade humana é inequívoca no totalitarismo já que “o poder só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade” pelo fato de que “enquanto todos os homens não se tornam igualmente supérfluos [...] o ideal do domínio totalitário não é atingido (ARENDDT, 2004a, p. 508). O totalitarismo pretendeu nos campos de concentração fabricar um outro homem. Fez os testes. Chamou os engenheiros e os médicos. Criou uma burocracia para o funcionamento

---

dos campos. Treinou os oficiais e funcionários. Inventou as câmaras de gás e usou os fornos para incineração de cadáveres. Os campos de concentração vieram confirmar um tipo de ódio do totalitarismo pela humanidade e não o contrário disso. Esta forma de transformar o mundo, ou a necessidade de impor sua ideologia ao mundo –tudo é possível– pode levar à destruição do próprio homem. O sentido tradicional de humanidade é abandonado por conta da de uma ideologia que pretende “tornar o mundo coerente, para provar que o supersentido estava certo.” Enfim, “o que as ideologias totalitárias visam [...] não é a transformação do mundo exterior ou a transmutação revolucionária da sociedade” mas a invenção de uma outra natureza humana (ARENDDT, 2004a, p. 509).

#### **4. A tecnologia e o fim do mundo: bombas atômicas**

Apresentamos anteriormente o papel do terror e da ideologia na ampliação da violência reificada nos campos de concentração do totalitarismo nazista. O contexto foi a Segunda Guerra Mundial. Para além desse contexto, já na guerra fria, no ensaio de 1954, intitulado *A Europa e a bomba atômica*, Arendt destaca a discussão política dominante entre os europeus sobre o uso de armas atômicas pelos Estados Unidos da América.

A discussão após as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, no Japão, deixou de ser apenas uma especulação filosófica futurista e passou a ser uma realidade extensiva a todos os países.

É que ligação intrínseca entre o jeito de fazer a guerra moderna e uma sociedade marcada pelo avanço tecnológico “se tornou evidente para todos, e assim vastos setores da população – não apenas os intelectuais – temem e se opõem apaixonadamente ao progresso tecnológico e à crescente tecnificação do mundo.” A Europa temia que o avanço da tecnologia de guerra norte-americana fosse como que uma determinação para o mundo ocidental. Por isso, os europeus começavam a criticar “a tecnificação destrutiva” em que “houve uma mudança evidente nas atuais discussões sobre a tecnologia”. O cerne dessa mudança é a tomada de consciência do fim do mundo iminente. Gerou-se, nesse contexto, uma “hostilidade geral à tecnologia – e, por extensão, aos Estados Unidos” em que muitos se sentiam assustados politicamente. Nesse sentido, “o poder político americano vem a ser cada vez mais identificado com a força aterrorizante da tecnologia moderna, com um poder destrutivo supremo e irresistível”. Ao insistir no uso da tecnologia para manter a liberdade de seu povo o governo norte-americano acaba por colocar em risco “qualquer vida política” (ARENDDT, 2008b, p. 434-436).

Arendt acredita que a justificção para o uso da violência para preservação da liberdade teve duas matrizes, invalidadas na prática pelo surgimento das bombas atômicas, ou seja, a tecnologia comprova a crise política moderna.

---

A primeira é a matriz da antiguidade pré-cristã, em que é preferível a morte do que a escravidão. Ser escravo ou estar sujeito a uma doença incurável autorizaria, por coragem, o suicídio. Para fugir do jugo do outro ou da natureza, a morte. Para isso, era preciso a virtude da coragem.

A segunda é matriz judaico-cristã da vida como dom sagrado e que precisa ser preservada. Nesse caso “as guerras podiam ser justificadas por razões religiosas, mas não pela razão da liberdade política secular em si” (ARENDR, 2008b, p. 436-437). Mesmo em caso de guerra era preciso manter a mínima possibilidade de uma interlocução com o inimigo, a fim de negociar a paz.

Contudo, as prerrogativas da coragem e do valor da vida desaparecem diante de uma possível guerra atômica. Não se fala mais em indivíduo corajoso para enfrentar o inimigo para fugir de um jugo ou de um sujeito lutando por ideais sobrenaturais e religiosos. Por fim, a questão posta pelas bombas atômicas é possibilidade do extermínio da raça humana, da espécie como um todo. Por isso, “a guerra moderna está em vias de transformar o indivíduo mortal em membro consciente da espécie humana, de cuja imortalidade ele precisa ter certeza para poder ser corajoso” (ARENDR, 2008b, p. 438).

## **5. A tecnologia a serviço da violência e contra o poder**

Os campos de concentração e as bombas atômicas foram tecnologias usadas na Segunda Guerra Mundial. Vamos esclarecer, agora, o que Arendt define por violência, a fim de ampliar os conceitos explorados nos textos anteriores.

No mundo atual, confundimos poder e violência. Acreditamos ser a violência uma manifestação de poder de um grupo contra outro, de uma nação contra sua rival. Arendt, contudo, desfaz esta equalização entre poder e violência.

O poder “corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto”, uma vez que não pode ser individualizado. Sozinho ninguém tem poder, mas vigor ou carisma. Assim, o poder está relacionado ao espaço público de convivência em que a pluralidade humana surge através da ação livre. O poder é mantido pelo grupo enquanto “conserva-se unido” (ARENDR, 1994, p. 36).

A violência destrói o poder posto que sua natureza é meramente instrumental e, por isso, sua ligação direta com a tecnologia. O uso da violência passa a ser efetivo quanto mais tecnológica for sua aplicação. Por isso, nomeamos os campos de concentração e a bomba atômica como artefatos para provocar o temor e o terror. O movimento totalitário usou os campos de concentração para amedrontar seus inimigos. Os Estados Unidos da América utilizaram as bombas atômicas para destruir e ameaçar seus inimigos a fim de mantê-los aterrorizados. A violência precisa de justificção para ser usada. Ela é usada quando o poder está desgastado ou em vias de desaparecer. Estamos acostumados a acreditar que a

---

violência gera poder por que “os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural” (ARENDDT, 1994, p. 37). A violência retira da cena política pelo uso de suas tecnologias a possibilidade de agir com naturalidade, com espontaneidade, com liberdade. A violência nos *obriga* a obedecer.

Violência e poder são fenômenos distintos. Onde a violência domina, o poder tende a desaparecer, onde o poder está alicerçado a violência tende a diminuir. Por isso, Arendt afirma que “poder e violência, embora sejam fenômenos distintos, usualmente aparecem juntos. Onde quer que estejam combinados, o poder é, como descobrimos, o fator primário e predominante” (ARENDDT, 1994, p. 41).

A apologia da violência aparece nitidamente em vários eventos políticos do século XX e aceleram a ruptura com a tradição ao instaurar um desconforto filosófico sem precedentes: “o que todas essas desconfortáveis novidades trazem como acréscimo é uma completa reversão nas relações entre poder e violência, antecipando uma outra reversão no futuro relacionamento entre os pequenos e grandes poderes” (ARENDDT, 1994, p. 18).

O avanço sem precedentes da tecnologia à disposição da violência é uma preocupação arendtiana, uma vez que a “soma da violência à disposição de qualquer país pode rapidamente deixar de ser uma indicação confiável do vigor do país, ou uma garantia segura contra a sua destruição por um poder substancialmente menor e mais fraco” (ARENDDT, 1994, p. 18).

Por isso, a defesa da violência está alicerçada numa daquelas confusões conceituais típicas dos períodos de crise política em que preparar-se para o extermínio do inimigo e armar-se até os dentes parece ser a única garantia de sobrevivência no mundo. Com isso, “o desenvolvimento técnico dos implementos de violência alcançou agora o ponto em que nenhum objetivo político poderia presumivelmente corresponder ao seu potencial de destruição, ou justificar seu uso efetivo no conflito armado.” Na distinção entre poder e violência ressurgem o tema da impotência da ação humana. O aumento da violência adquire perigosa dimensão destrutiva quando a impotência política é notória. Arendt afirma que “a violência sempre brota da impotência. É a esperança daqueles que não têm poder [consentimento ou apoio do povo] de encontrar um substituto para ele – e essa esperança, penso, é em vão.” Contrariando a óbvia tática dos países na guerra fria, Arendt afirma que:

É uma ilusão perigosa medir o poder de um país pelo seu arsenal de violência. Que um aumento da violência seja um dos grandes perigos do poder das comunidades, especialmente para as repúblicas, é umas das percepções mais antigas da ciência política. Sustentar, por exemplo, que este país é o mais poderoso da Terra porque possui o maior arsenal de instrumentos destrutivos é cair na equiparação comum e errônea de poder com violência (YOUNG-BRUEHL, 1997, p. 363).

---

## 6. A tecnologia e o mito do progresso ilimitado da ciência

O progresso tecnológico infinito da ciência é um mito moderno colocado em xeque após a experiência dos campos de concentração e da detonação das bombas atômica. É que esta noção se assenta numa pretensão de divinização da ciência. O cientista para desenvolver uma tecnologia, por uma questão de método, parece colocar-se numa dimensão extramundana, uma vez que “é obrigado [ou tentado] a abandonar a linguagem comum para descobrir o que jaz por trás dos fenômenos.” Por causa disso, acaba por abandonar “tanto o domínio do bom senso que coordena a percepção sensorial comum quanto o tipo de realidade que é fornecido por estes modos fundamentais de perceber o mundo” (CORREIA, 2001, p. 200).

O distanciamento do *sensus communis* – os cinco sentidos humanos que imediatamente percebem a realidade do mundo comum – faz com que o progresso se torne um “dos artigos mais sérios e complexos encontrados no mercado de superstições de nosso tempo”. A “crença irracional do século XIX” no ilimitado progresso técnico tornou-se universal, através da divinização da ciência e o que lhe daria um poder sem precedentes “na exploração da imensidão do universo.” O paradoxo dessa universalização do progresso é que “não apenas o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade (o que quer que isso signifique), mas também poderia mesmo disseminar o fim da humanidade” uma vez que “o progresso não mais serve como padrão por meio do qual avaliamos os processos de mudança desastrosamente rápidos que desencadeamos” (ARENDR, 1994, p. 29). Para Arendt, “a história mostra claramente que a moderna tecnologia resultou não da evolução daquelas ferramentas que o homem sempre havia inventado para o duplo fim de atenuar o labor e de erigir o artifício humano” mas ao contrário, “exclusivamente da busca de conhecimento inútil, inteiramente desprovido de senso prático (ARENDR, 2005, p. 302).

No mundo moderno a ciência encarnou o mito do progresso ilimitado em que ela própria se tornou a porta-voz, através da tecnologia em avanço constante, de um anseio de ação. Os processos científicos em progresso constante substituem a ação política e reduzem o espaço público à demonstração de poder tecnológico. O poder, como já vimos, não necessita de implementos: é resultado da liberdade humana para a ação em concerto. Assim, o progresso ilimitado da ciência é uma ideologia moderna e o uso da tecnologia acaba por lhe conferir autoridade pelo convencimento.

O problema, então, é a pretensa tentativa de desvinculação da ciência com a política, a partir da noção ideológica de que para a primeira *tudo é possível*. Mas será que para ciência, sem os limites da política, tudo é permitido? Arendt nos alerta sobre a ideologia científica enviesada no totalitarismo em que os campos de concentração se tornaram “os

---

laboratórios onde mudanças na natureza humana são testadas” e com isso “a infâmia não atinge apenas os presos e aqueles que os administram segundo critérios estritamente ‘científicos’; atinge todos os homens.” (ARENDR, 2004, p. 510).

A ciência moderna não é neutra em relação ao senso comum nem tampouco em relação à política. Isso nos leva à ideologia de que os avanços tecnológicos surgem desvinculados das comunidades políticas reais, à parte do senso comum, para além do bem e do mal. Para Arendt, “a ciência não é mais do que um prolongamento imensamente refinado do raciocínio de senso comum no qual as ilusões dos sentidos são constantemente dissipadas à medida que os erros da ciência corrigidos” (ARENDR, 2011, p. 64).

Nesse sentido, a noção de progresso ilimitado que emoldura a ciência e seus métodos no mundo moderno é “a melhor documentação do facto que toda a ciência ainda se move dentro do reino da experiência do senso comum, sujeita a erros e enganos corrigíveis” (ARENDR, 2011, p. 65). A moldura da ciência e da tecnologia é a política, o espaço entre os homens. Por mais que a ciência tente afirmar que se move num espaço infinito de progresso, o que existe é o momento atual em que as suas tecnologias impactam politicamente o mundo comum. Para Arendt, a tecnologia é resultante de um pretense afastamento do cientista da comunidade o que provoca uma noção distorcida e ideológica de que a ciência é neutra em relação ao senso comum, ao mundo onde suas técnicas terão aplicação.

## 7. Considerações finais

Analisada sozinha a tecnologia por si só não é violenta, nem progressista, nem boa, nem má. É pelo uso da tecnologia no mundo, ou seja, pela análise de seus efeitos políticos que podemos, de alguma forma, qualificá-la. Por isso, procuramos mostrar que no pensamento arendtiano o uso massivo da tecnologia é um sintoma da crise política do mundo moderno. É que depois das guerras mundiais, em especial com o advento da experiência totalitária, a tecnologia passou a ser cada vez mais importante para a política.

Demonstramos que o totalitarismo fez dos campos de concentração um laboratório para a nova humanidade com o objetivo de criar um espaço de mudez tão absurdo que somente com planejamento rigoroso foi possível se tornar realidade. É a partir dos campos de concentração que evidenciamos a perigosa relação entre violência, tecnologia e progresso. Destacamos, também, que logo após a experiência totalitária o fim do mundo pelas bombas atômicas tornou-se uma realidade. A violência como seu uso instrumental, nesse caso, não apenas contra um país, mas contra a própria espécie humana.

De fato, parece que a tecnologia está a serviço da violência. Por isso, para ampliar nossa abordagem política da tecnologia apresentamos o conceito de poder e violência em Arendt a fim de enfatizar que a tecnologia é um implemento da violência e não de ampliação

---

do poder. O poder está no diálogo, na ação entre pares, no uso do espaço público para a vivência da liberdade. Tudo o que de certa forma contrarie esse movimento, este espaço entre os homens, aterrorizando-os não é poder, mas outra coisa diversa: a tecnologia a serviço da mudez e da apatia.

Esclarecemos, por fim, que a ideologia científica do progresso ilimitado é um escape para seus equívocos e erros, uma vez que ainda poderá se aprimorar no futuro. Destacamos que a ciência não está para além da política: a tecnologia é usada cotidianamente no mundo comum, interferindo no andamento das comunidades humanas, alterando cenários sociais.

Portanto, Hannah Arendt nos convida a pensar o dilema da tecnologia no mundo moderno e suas relações com a política. Por isso, para além de um olhar negativo ou saudosista de uma tecnologia menos intrusiva na política e na vida comum, o pensamento arendtiano nos convoca a entender que os instrumentos que criamos podem ampliar ou restringir nossa ação no mundo.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ARENDDT, Hannah. A imagem do inferno. In: ARENDT, Hannah. **Compreensão e política e outros ensaios**. Lisboa: Relógio D'água, 2001, p. 39-53.
- ARENDDT, Hannah. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008a.
- ARENDDT, Hannah. A Europa e a bomba atômica. In: ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (Ensaio)**. São Paulo: Cia. das Letras/Ed. UFMG, 2008b, p. 434-438.
- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. Volume I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.
- ARENDDT, Hannah. Compreensão e política. (As dificuldades da compreensão). In: ARENDT, Hannah. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 230-257.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004a.
- ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004c.
- ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004c.
- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- CORREIA, Adriano. Hannah Arendt e o conceito de progresso. AGUIAR, Odílio Alves; BARREIRA, César; ALMEIDA, José Carlos Silva de; BATISTA, José Elcio (Orgs.). In: **Origens do totalitarismo: 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, p. 193-202.

---

COURTINE-DENAMY, Sylvie. **O cuidado com o mundo**: diálogo entre Hannah Arendt e alguns de seus contemporâneos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. **Por amor ao mundo**. A vida e a obra de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.